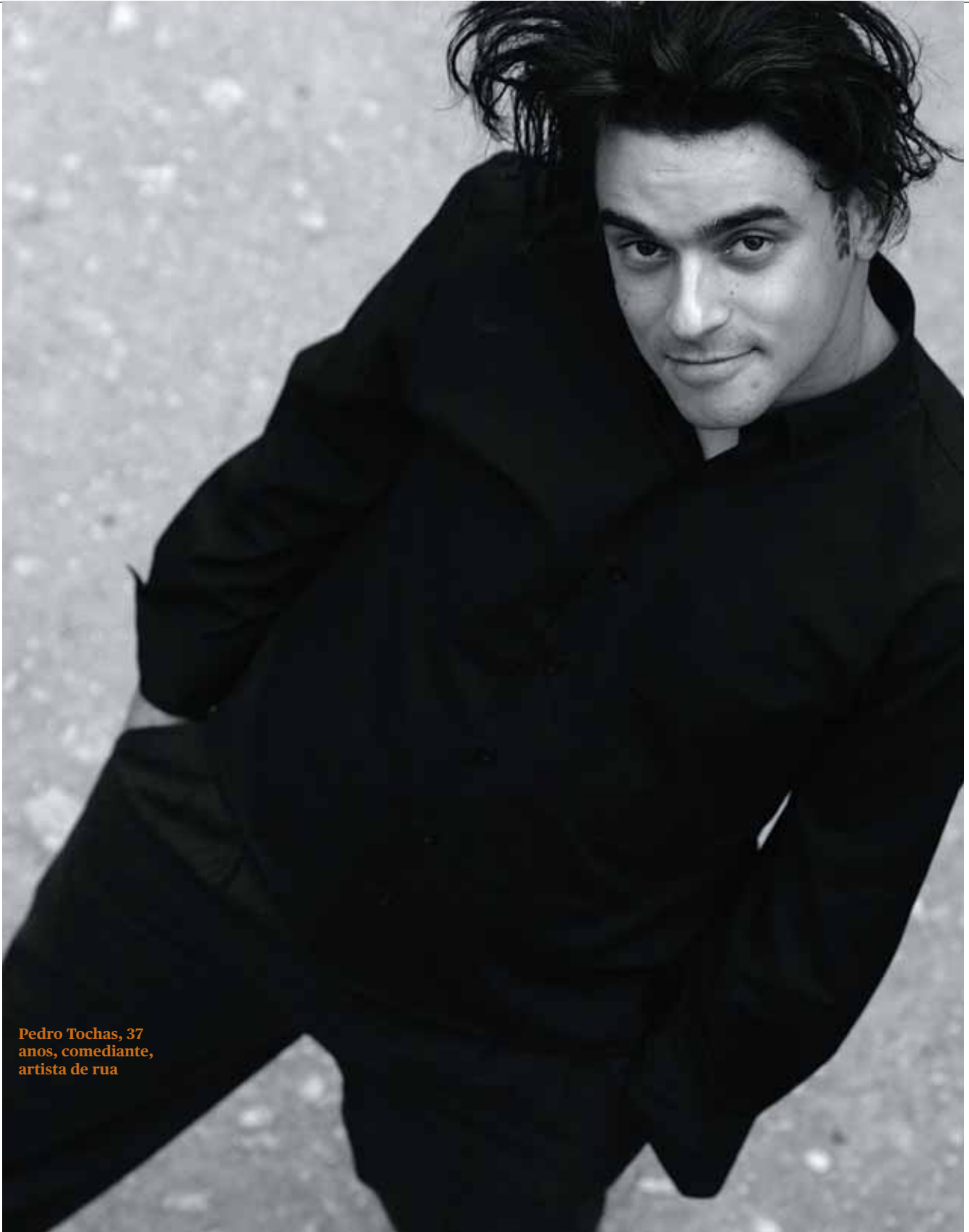


o que sei sobre as mulheres

DK



Pedro Tochas, 37
anos, comediante,
artista de rua



Pedro Tochas

A primeira imagem de mulher é a mãe. Tenho uma família latina. Digo isso porque quando começa a viajar por países anglo-saxónicos notas as diferenças. Tendo uma vivência só portuguesa, pensas que é tudo igual. Quando vivia em Avelar, ficava espantado se chegava a outra terra e não sabiam onde era. Na família é o mesmo: as mães são todas assim. Não, não são.

A minha mãe trabalha em casa, é costureira, eu cresci no estúdio dela, rodeado de mulheres. A ideia que eu tenho é essa mãe protectora, corria qualquer coisa mal e contava à mãe, para ela amortecer o choque ao contar ao pai. Nos países anglo-saxónicos, as famílias são mais frias: estás no mundo, desenrasca-te. A família latina é mais *mmmm*, vem cá, é a família contra o mundo.

Tive relações muito complicadas porque distraio-me um bocado e as mulheres gostam muito de atenção. Deixo-me levar pelas coisas. Vejo uma coisa *shining* e eu *ooooohhhh*, o que é aquilo? E elas: pronto, já não estás a olhar para mim. Agora estou numa relação fabulosa porque ela percebe isso.

O meu trabalho é dar nas vistas, como artista de rua tenho de atrair pessoas. Isso por um lado encanta as mulheres mas, se há uma relação, é a primeira coisa de que não gostam.

Tenho muita sorte com a Raquel, porque reparei em pequenos detalhes, os pequenos detalhes são importantes. O meu espectáculo *Mais de 18* é carregado sexualmente, até

a minha personagem é mais sexual, estou a *flirtar*, a brincar com as raparigas. Um dia a Raquel estava a assistir e eu disse: “A minha namorada está cá hoje.” No fim, disse-me: tem mais graça se o pessoal não souber. Ela percebe que há um Pedro a trabalhar e um Pedro fora do trabalho.

Há coisas que as mulheres não percebem nos homens. Às vezes precisamos de tempo para nós, para fazermos as nossas coisas, não quer dizer que não gostemos de estar com elas. Se a Raquel tem um jantar com umas amigas, vai na boa, temos uma relação muito estável. Além disso, não sou ciumento. Acho que tem de se trabalhar um bocadinho para a relação, mas a vida é muito curta. Se estás numa relação e aquilo não está a ir, vamos partir para outra. Faz-me confusão as pessoas que no trabalho ou na vida pessoal estão a sofrer... digo-lhes – muda, faz outra coisa! Se uma pessoa está numa fase depressiva, eu sou o primeiro a tentar puxá-la para cima. Agora se é o estilo de vida, então pronto, curte a tua depressão, fica lá *uuuhuuuu*, a curtir a depressão, está aqui um livro porreiro, o *Manual do Suicídio*, tem umas dicas, mas não me leves contigo.

As pessoas hoje vêem coisas na TV por cabo e na Internet, percebem que há outras maneiras de viver. Séries como *O Sexo e a Cidade* onde as mulheres vivem a sexualidade delas. Às vezes as revistas feministas são machistas: “Como agradecer ao seu homem, como conquistar...” Para quê, para transformar as mulheres ainda mais em escravas? Devia ser: “Como mandá-lo dar uma

volta, como fazê-lo rastejar...”

Gosto de uma mulher que seja companheira, acima de tudo. E que o sexo seja bom. E que seja uma pessoa interessante, com conversas estimulantes. Com a Raquel, somos de partilhar coisas.

A divisão de tarefas em casa é conforme aquilo para que se tem mais jeito. Eu não consigo cozinhar, a Raquel adora. A minha irmã também não cozinha e o marido sim. Para mim, cozinhar é chamar a Telepizza. Tento compensar – tu cozinhas e eu ponho e levanto a mesa, tiro a loiça da máquina. É ela que costuma meter a loiça na máquina porque diz que eu parto aquilo tudo. Eu a tirar safo-me bem, mas a pôr não sei onde hei-de meter as coisas, não entendo. A máquina que faça a magia dela, eu só meto os pratos sujos e eles saem limpos.

No meu trabalho há mais homens do que mulheres e acho que isso tem uma lógica: os homens dão-se melhor com a rejeição. Quando começa a fazer comédia, aquilo corre muito mal, tens as pessoas a dizer: “Isto não tem graça

nenhuma.” O homem até nos engates é muito mais rejeitado e continua sempre ali. Sai à noite, leva 20 tampas e continua: esta é que vai gostar de mim...

E depois há a velha história de que beleza e comédia não ligam. Se a mulher é muito bonita, nem ouvem o que ela está a dizer. Quando a Cameron Diaz fez o *Something about Mary*, nunca se tinha visto uma mulher tão bonita a fazer coisas tão obscenas como ter esperma no cabelo. Está a desaparecer o estigma de uma mulher bonita não poder fazer parvoíces.

Para uma mulher conseguir o mesmo valor que um homem, tem de ser muito melhor. É injusto à partida. Elas têm de provar mais até para terem menos, porque o pagamento não é igual. Mas ultimamente têm aparecido. A Ellen DeGeneres é *cute*, é comedianta, faz rir, tem um programa de sucesso nos Estados Unidos. Começamos a ter mulheres muito fortes que provam que ser femininas não é vergonha nenhuma. E percebemos que não temos de ser iguais – cada pessoa tem de fazer o que faz melhor.

As mulheres têm sentido de humor, adoram que as façam rir, essa é a melhor maneira de as seduzir. Uma pessoa que tem sentido de humor é perspicaz, inteligente. Vê o mundo de uma maneira mais interessante. Mas faz-me sempre confusão separar as pessoas em grupos, por sexo, por raça, por religião. Eu sou pessoísta, gosto daquela pessoa ou não gosto. ●

anasdias@netcabo.pt

A partir de uma conversa com o humorista

“
Vejo uma coisa ‘shining’ e eu ‘ooooohhhh’, o que é aquilo? E elas: pronto, já não estás a olhar para mim
”